

Quem tem medo da “cultura woke”?



Por **JOÃO VICTOR UZER***

Falar em “woke” não necessariamente diz respeito às teorias da conspiração. O termo pode ser empregado em seu sentido original de “manter-se atento às desigualdades sociais”

Em março de 2025 o [podcast Inteligência Ltda](#) promoveu um debate com o título de “O problema na cultura pop é a lacração?”, convidando *youtubers* que discutem cultura pop para debater. Pessoalmente admito que não tive estômago para acompanhar o debate por muito tempo. Mas alguns pontos me chamaram atenção. A começar pela pergunta inicial na qual um dos debatedores questionou se os demais acreditavam ou não na existência da “cultura woke”.

Alguns responderam argumentando sobre tendências de mercado. Em via de regra, esses eram os argumentos: um lado dizendo que havia uma tendência na indústria cultural para promover (à força) pautas progressistas, e o outro lado argumentando que este movimento se dava por mercado, e não por agenda. Embora tenha havido um exercício preliminar para definir o que se considerava “woke” para o debate, considerou-se os aspectos políticos e mercadológicos do “movimento”, mas um aspecto importante foi negligenciado: o histórico.

Um resumo

O termo *woke* (do inglês acordou), popularizou-se em meados dos anos 2000 como indicativo de “consciência social”, no entanto, sua origem e primeiros registros remetem aos anos 1930. Em 1938 o cantor folk Huddie Ledbetter gravou a frase “*Stay woke*” no final da faixa *Scottsboro Boys*. A canção narra o caso dos Meninos de Scottsboro no qual nove adolescentes negros foram injustamente acusados de estupro em 1931, em Scottsboro, Alabama, recebendo penas de morte. Na gravação Ledbetter diz: “Então eu aconselho a todos, tenham um pouco de cuidado quando passarem por lá, é melhor ficar acordado [*stay woke*], manter os olhos abertos”, aconselhando ao homem negro a ficar alerta aos crimes raciais.

O termo também é encontrado na década de 1960 com um sentido semelhante, como no texto *If you’re woke you dig it*, do escritor William Melvin Kelley. O texto de Kelly aponta para como diversas expressões populares tiveram origem em comunidades negras. De acordo com Aja Romano, o texto de William Melvin Kelly é um atestado de como termo *woke* no sentido de “ficar alerta”, originalmente empregado para salientar crimes raciais, tornou-se popular também entre os brancos.

Por fim, outro registro do termo sendo empregado neste sentido é encontrado na peça *Garvey Lives!* de Barry Beckham (uma obra sobre a vida de Marcus Mosiah Garvey Jr, ativista jamaicano pelo direito dos negros) com a frase “Tenho dormido toda a minha vida. E agora que o Sr. Garvey me acordou [*woke me up*], vou ficar acordado [*stay woke*]. E vou ajudá-lo a acordar outros negros”. Deve-se destacar o uso intencional da expressão no tempo gramatical incorreto, visto

que a regência adequada seria “*stay awake*”.

O que é importante destacar é que, a aparição desse termo em obras culturais como músicas, livros ou peças teatrais são evidências de que o termo era empregado nestes períodos. Ou seja, não se atribui aos roteiristas ou escritores a criação do termo, mas sim uma “consagração”. Isso é, a confirmação de que o termo “existia” e era empregado em cada época.

Nos anos 2000 o termo alcançou nova popularidade após o lançamento da faixa *Master Teacher* (em 2008) da cantora Erykah Badu que canta, na primeira estrofe “*I am known to stay awake*” e “*I stay woke*” na segunda, além do refrão “*Everybody (I stay woke)*”. Durante as manifestações do *Black Life Matters*, a expressão “*stay woke*” e o termo “*woke*” foram usados para chamar atenção contra a brutalidade policial, e, a partir de 2015, tornaram-se, nas palavras de Aja Romano, “um resumo de uma única palavra da ideologia política de esquerda, centrado na política de justiça social e na teoria racial crítica”.

Também por volta de 2015, a expressão passou a ser empregada de forma sarcástica por ativistas da direita. Em 2018 Andrew Sullivan, jornalista conservador, definiu o “*wokeismo*” como um “culto da justiça social à esquerda, uma religião cujos seguidores mostram o mesmo zelo que qualquer evangélico”. O termo “*guerreiro da justiça social*” também passou a ser empregado pejorativamente para descrever qualquer indivíduo que se manifestasse a favor de feminismo, direitos civis, direitos LGBTQIA+ e pautas afins, associadas à esquerda.

Para críticos da “cultura woke” há um conjunto de práticas promovidos pela esquerda que, disfarçadas de ações pela justiça social, procuram promover um relativismo moral. O bispo Robert Barron associou o “*wokeismo*” como um resultado do pós-modernismo, fazendo da “cultura woke” uma “teoria fundamentalmente antagônica das relações sociais”, sendo por vezes reconhecida como “uma forma de marxismo cultural”. É aqui que as coisas começaram a embolar.

Um contexto

Na Carolina do Norte, pouco antes das eleições de 2008, o jornalista Rodrigo Alvarez encontrou um grupo de jovens negros jogando basquete. Ao perguntar em quem os jovens votariam, recebeu a resposta: “Se você não vota no Barack Obama você perde a ‘carteirinha de negro’”. Já em Chicago, um grupo de mulheres brancas discutiam o candidato, uma delas afirmou: “Eu não acho que ele seja negro, Barack Obama é multirracial, meio branco, meio negro.” No Mississippi, um jovem negro vendendo “bugigangas na beira da estrada” disse: “Apoiamos Barack Obama... É hora de mudança cara... Ele conseguiu, cara... Primeiro presidente negro americano...”.

Os anos 2010 foram, para o americano, anos de desigualdade. Muitas pautas econômicas, políticas e sociais se tornaram sensíveis.

A “questão econômica” é a primeira a ser lembrada. Entre 2000 e meados de 2005, o valor de mercado de casas nos Estados Unidos cresceu cerca de 50%. A partir de 2001, a combinação entre taxas hipotecárias baixas e o rápido crescimento do valor das casas, gerou uma explosão de novas construções e um amplo refinanciamento. Estimou-se que metade do crescimento do PIB do país no primeiro semestre de 2005 esteve relacionado ao setor imobiliário.

Os critérios para concessão de créditos foram aos poucos desconsiderados e a hipoteca *subprime* tornou-se acessível. Empréstimos para pessoas com pouca ou nenhuma documentação e “*Ninja*” (do inglês *no income, jobs or assets*) tornaram-se comuns. Porém, enquanto nos anos 2000 o estadunidense médio comprometia cerca de 3% dos gastos pessoais no refinanciamento de hipotecas, em 2006 esse número subiu para quase 10%.

Desde a década de 1970, os Estados Unidos sofrem com a queda da “classe média”. Porém, ao início dos anos 2000, houve

um aceleramento, e a razão foi a concentração de renda. Entre 1998 e 2008, o crescimento cumulativo da produtividade subiu 30%, mas os salários subiram apenas 2%. No setor financeiro, o lucro subiu de 10% (na década de 1980), para 40% (em 2007), mas apenas 5% foi convertido para a força de trabalho. Nos anos 1990, os salários do estadunidense médio aumentaram 2%, enquanto a renda dos 5% mais ricos subiu 42%.

Em comparação, nos anos 1980, o salário de um diretor executivo era cinquenta vezes maior que o do trabalhador médio, em 2010 foi 350 vezes maior. E 58% de todo o crescimento econômico das décadas 1990 e 2000, foi apropriado pelo 1% mais rico da sociedade. Em 2015, a “classe média” igualou-se à soma da “baixa” e “alta”. Além do encolhimento, houve a perda de poder monetário. Em 2014, o rendimento médio de uma família de “classe média” era 4% inferior que em 2000, e os ativos caíram cerca de 28% em razão da crise financeira. Ou seja, a “classe média” não só ficou menor, como era tendência, mas ficou mais pobre.

A “questão racial” também foi um dilema. Christopher Parker apontou para como, logo ao início do governo de Barack Obama, 20% dos brancos estadunidenses acreditavam que as políticas do governo beneficiariam os negros, fazendo com que as políticas de promoção de desigualdade comesçassem a perder apoio. Segundo o autor, “é provável que, com a eleição de Barack Obama, [os estadunidenses] tenham sentido que o tempo para políticas destinadas a alcançar a justiça social já passou. É claro que isto não está totalmente alheio à crença de que as políticas de Obama beneficiariam os negros à custa dos brancos”.

Ao final do mandato, 34% do público geral reconheceu que Barack Obama conseguiu efetivamente promover políticas para diminuir a desigualdade racial. Porém, a percepção foi de que, apesar de conseguir promover suas políticas, o objetivo não foi alcançado (61% da população geral). Entre os negros, a percepção negativa foi menor. Apenas 5% alegaram que as condições de desigualdade racial pioraram. Mas entre os brancos, 65% reconheceram a falha da administração Obama no assunto, enquanto 32% reconheceram que a questão na verdade piorou. Ou seja, o “efeito Obama”, na prática, também foi de distanciamento, com um grupo alegando que as mudanças sociais foram poucas enquanto outros argumentavam que foram demais. Houve, portanto, uma clara diferença de percepção de realidade.

Por fim, a “questão religiosa” e social também é relevante. Entre 2007 e 2014, o percentual de adultos filiados a organizações religiosas caiu de 83% para 77%. Por outro lado, os que se autodeclaravam religiosos sem filiações subiu de 16% para 23%. A importância da religião foi ainda menor entre os jovens. Apenas 38% dos jovens de 20 e 25 anos responderam positivamente sobre a importância da religião em suas vidas. Mas, mais que isso, pautas relevantes para as lideranças religiosas foram consideravelmente debatidas.

No final de 2004, dezesseis estados possuíam proibições constitucionais ao casamento homoafetivo e outros vinte e nove possuíam proibições legais. Em 2006, o estado de Nova Jersey aprovou uma lei permitindo a união civil entre pessoas do mesmo sexo e o Arizona rejeitou a proibição constitucional sobre o casamento homoafetivo. No ano seguinte, New Hampshire tornou-se o segundo estado a legalizar a união civil. Em 2008, Connecticut também legalizou o casamento entre pessoas do mesmo sexo. Já em 2009 foi a vez de Vermont e Iowa. New Hampshire (que já havia legalizado a união civil) e Washington D.C legalizaram o casamento homoafetivo em 2010. Nova York os seguiu em 2011.

Por fim, em 2012, Barack Obama tornou-se oficialmente o primeiro presidente (ainda em exercício) a expressar-se publicamente pela aprovação do casamento entre pessoas do mesmo sexo. A questão é que, desde a década de 1980, líderes religiosos fizeram dessas pautas suas bandeiras. Lutar contra o casamento homoafetivo, o aborto ou liberdades sexuais tornou-se uma questão de fé. Logo, a derrota dessas pautas, com a legalização de certas práticas, foi recebida por religiosos como uma derrota da fé, ou mesmo como um ataque à Igreja.

O ponto aqui é que mudanças sociais como essas geram desconfortos. Uma boa parcela da população viu a implementação de políticas para combater a desigualdade, sentiu uma perda no poder de compra e sentiu a diminuição da importância da religião na política. Nenhuma dessas “questões” são exclusivas dos anos 2010; Bill Clinton, por exemplo, legislou sobre a entrada e permanência de oficiais gays no exército; e George W. Bush discutiu o uso ou não de células-tronco, mas os anos

2010 foram especialmente castigados pela crise *subprime* e impactados pela presença de Barack Obama. Não é difícil compreender como um indivíduo, nesse contexto, correlacionou o crescimento de pautas sociais e raciais com a sua própria perda de poder monetário ou – por vezes – político.

Mas, como que isso tudo se relaciona com o que veio a ser a “cultura Woke”?

A “nova” onda woke

Como dito antes, desde, pelo menos, os anos 1960 o termo “woke” tem sido empregado por negros e brancos como uma expressão para “estar atento às desigualdades raciais”. E, não por acaso, a crítica contra a “lactação” também começou na década de 1960. Foi nessa época que Myron Fagan, escritor e roteirista, publicou o manifesto “Direitos Civis” – *A ferramenta mais sinistra da Grande Conspiração*, no qual diz: “Foi em Hollywood que tomei conhecimento disso [a trama para fazer do negro um instrumento para a destruição de nossa nação], quando vi atores brancos sendo substituídos por negros em papéis que só os brancos poderiam representar adequadamente. [...] Eu vi seções de roteiros serem revisados de modo que aparentemente indispensável negros pudesse representar [...] vi produtores, diretores e roteiristas colocando palavras na boca de negros ignorantes, palavras que eles mal conseguiam pronunciar, menos ainda entender [...] Claro, todos os magnatas e diretores eram comunistas declarados”.

E, embora acusar artistas de comunismo não fosse uma novidade nos anos 1960, os esforços de Myron Fagan valem a menção. Foi um dos primeiros a promover a noção de que a luta pelos direitos civis (e da representatividade) era parte da conspiração comunista contra a América.

Myron Fagan estava, ele mesmo, em um período de ebulição. Marcha pelos Direitos Civis, Guerra Fria, a segunda onda do feminismo, Guerra do Vietnã já em curso... A sociedade estava mudando e, como dito, mudanças geram resistências. O posicionamento de Myron Fagan é essencialmente racista, isso fica explícito em seus textos, mas o paralelo dos seus argumentos com os contemporâneos sobre a “cultura woke” como ferramenta de uma agenda da esquerda são numerosos.

Para o portal *Brasil Paralelo*, por exemplo, a “cultura woke” seria absorvida pela indústria cultural a fim de promover a agenda progressista. Na mídia, pautas como aborto, “ideologia de gênero”, direitos de pessoas trans, feminismo, e afins seriam forçadas nas narrativas a fim de atender a uma agenda preestabelecida.

De fato os anos 1960 e 1970 (a exemplo dos anos 2010) foram de um crescimento de “pautas progressistas”, especialmente entre os jovens. A ideia de “ficar atento” às desigualdades sociais é (e era) bem difundida entre os estudantes universitários. Mas, daí, alegar que há um plano secreto para alienar o público e difundir essas agendas é sim uma teoria da conspiração (que nem mesmo é original, pois, como visto, tem pelo menos 60 anos).

Com as crises econômicas e política dos anos 2010 as pautas associadas com a “cultura woke” ganharam relevância, e, assim, ganhou notoriedade. Como apontam Karen Middleton e Sarah Turnbull, a pressão da opinião coletiva de consumidores força marcas e instituições a mudarem suas lógicas. Assim, empresas e marcas começaram a orientar seus produtos e publicidades de forma a atender essa demanda, logo, diversos produtos (incluindo produtos culturais) passaram a integrar elementos que referenciam pessoas negras, gays e mais, em posições não tradicionais.

No entanto, teóricos da conspiração enxergaram esse movimento não como um movimento de mercado, explorando o potencial econômico dessas pautas, mas sim como um grande cavalo de Troia.

É possível que artistas, roteiristas e cineastas tenham elaborado obras pensando explicitamente na “promoção de agendas”? Claro. Jordan Peele e seu “terror social” é um exemplo. Quentin Tarantino é outro que tem “elementos woke”

em vários de seus filmes: da noiva vingativa de *Kill Bill* até o general da Guerra Civil, negro, de *Os oito odiados*, que carrega uma carta falsa do presidente pois sabe que é a única forma de ser respeitado pelos brancos. *Mad Max* (2015), de George Miller, traz o personagem titular como principal, mas entrega o protagonismo para a Furiosa em uma história sobre mulheres se livrando de suas obrigações como reprodutoras.

Mas, podemos voltar mais: *Distrito Nove* (2009), como metáfora para segregação racial; *O Segredo de Brokeback Mountain* (2005), discutindo homossexualidade; *Clube da Luta* (1999) e sua ingênua mensagem anticapitalista; *A Outra História Americana* (1998) e o racismo; *Candyman* (1992) e a violência urbana em comunidades negras. Mas não precisamos ficar apenas em “pautas progressistas”. Podemos citar também a série de filmes “*Deus não está morto*” (2014 – 2024); o *A Cabana* (2017); *Você acredita?* (2021); ou o *O Som da Liberdade* (2023). Mas nenhuma dessas obras (progressistas ou não) é pensada normalmente em termos de “woke” e isso revela um ponto importante que aproxima a tese da “cultura woke” da teoria da conspiração.

Como aponta o sociólogo Michael Barkun, parte importante do que define uma teoria da conspiração é seu teor “vitimista” e a maldade do conspirador. O teórico da conspiração sempre enxerga na “conspiração” um sentido maligno. Não há, na argumentação conspiracionista, espaço para coincidências ou alinhamento de pautas orgânicas, mas sempre uma ação de um agente oculto com intenções malignas. Então, quando se olha para o desastroso *As Caça Fantasma* (2016) não se vê uma falha mercadológica em monetizar uma pauta, mas sim um esforço deliberado (inclusive considerando o prejuízo) para empurrar uma agenda às jovens espectadoras. Que agenda? O feminismo e o fim do patriarcado (ou seja, na ótica conspiratória, o fim do “homem”). E esse “veneno” estaria introjetado em toda mídia e nem sempre de forma tão explícita.

Em determinado momento do debate um dos “nerdolas” questionou uma fala do filme *The Batman* (2022) na qual a mulher-gato diz que o problema de Gotham eram os homens brancos e ricos. O questionamento do debatedor foi de que, se o grupo ali retratado fosse trocado (por latinos, gays ou negros), a fala seria criminosa. Os opositores foram didáticos dizendo que a fala não se referia a um aspecto racial, mas de poder.

A mulher-gato (no filme, uma mulher não branca e periférica) queixa-se de que o problema da cidade é justamente tudo que é oposto a ela. Quando se fala em minorias, se fala, sobre tudo, de relação de poder. Até porque, a verdadeira minoria numérica seria justamente os “homens brancos e ricos”. Colocar uma minoria social em uma posição de poder é, na prática, uma característica justamente de uma teoria da conspiração. Conforme o sociólogo Joseph Uscinski.

Uma teoria famosa desse aspecto que foi reavivada recentemente foi a do genocídio branco. De acordo com Anthony Moses, a provável noção de “genocídio branco” se originou na obra *White Genocide Manifesto* de David Lane, publicado em 1988. Neonazista, David Lane argumentava que judeus governavam todas as “civilizações ocidentais” encorajando a miscigenação. Consciente de que sua hipótese não tinha respaldo acadêmico, David Lane acusou o ensino superior de ser tomado por “poluição cerebral”, que fazia parte de um “sistema corrupto, destrutivo e tirânico”. Nos anos 2010, ao longo do governo de Barack Obama, a teoria voltou a circular.

Concluindo, considerando o aspecto histórico do que hoje se chama de “wokeismo”, reconhece-se que a “nova agenda woke” não é assim tão nova. Mas foi reaquecida pela “guerra cultural” em um contexto no qual a classe média perdeu espaço (tanto econômico como de político) enquanto viu “minorias” ganhando espaço e mesmo protagonismo em políticas públicas. Tornou-se assim um ímã para teorias da conspiração.

No entanto, falar em “woke” não necessariamente diz respeito às teorias da conspiração. Pode ainda ser empregada em seu sentido original de “manter-se atento às desigualdades sociais”. Sendo assim, assumir-se “woke” não significa ser membro de uma conspiração. Ao menos não deveria.

***João Victor Uzer** é mestre em história social pela Universidade Estadual do Rio de Janeiro (UERJ).

Referências

ALVAREZ, Rodrigo. *No país de Obama*. Nova Fronteira, 2009.

BARKUN, Michael. *A culture of conspiracy: Apocalyptic visions in contemporary America*. Univ of California Press, 2013.

Brasil Paralelo. A cultura woke é o cavalo de Troia do século XXI. Brasil Paralelo, 2023. Disponível em: <https://www.brasilparalelo.com.br/noticias/a-cultura-woke-e-o-cavalo-de-troia-do-seculo-xxi>.

Brasil Paralelo. O que é a cultura woke. Brasil Paralelo, 2023. Disponível em: <https://www.brasilparalelo.com.br/artigos/o-que-e-a-cultura-woke>.

BARRON, Robert. The Philosophical Roots of Wokeism. *Religion & Liberty*. Vol. 34, n. 1. January 08, 2024. Disponível em: <https://www.acton.org/religion-liberty/volume-34-number-1/philosophical-roots-wokeism>

CASTELLS, Manuel. *Redes de indignação e esperança: movimentos sociais na era da internet*. Editora Schwarcz-Companhia das Letras, 2017.

DOUGLAS, Karen M. et al. Understanding conspiracy theories. *Political psychology*, v. 40, p. 3-35, 2019.

FAGAN, Myron. *Civil Rights: Most Sinister Tool Of The Great Conspiracy*. CPA Book publisher. [s.d].

G1. O que é woke e por que o termo gera uma batalha cultural e política nos EUA. G1, 8 nov. 2022. Disponível em: <https://g1.globo.com/mundo/noticia/2022/11/08/o-que-e-woke-e-por-que-o-termo-gera-uma-batalha-cultural-e-politica-nos-eu-a.ghtml>.

GREENSPAN, Alan; KENNEDY, James E. Estimates of home mortgage originations, repayments, and debt on one-to-four-family residences. *FEDS Paper*, n. 2005-41, 2005.

LEMA, John. If You're Woke You Dig It; No Mickey Mouse Can Be Expected to Follow. *The New York Times*, 20 maio 1962. Disponível em: <https://www.nytimes.com/1962/05/20/archives/if-youre-woke-you-dig-it-no-mickey-mouse-can-be-expected-to-follow.html>.

MIDDLETON, Karen; TURNBULL, Sarah. How advertising got 'woke': The institutional role of advertising in the emergence of gender progressive market logics and practices. *Marketing Theory*, v. 21, n. 4, p. 561-578, 2021.

MOSES, Dirk. "White genocide" and the ethics of public analysis. *Journal of Genocide Research*, v. 21, n. 2, p. 201-213, 2019.

PARKER, Christopher Sebastian. Race and Politics in the Age of Obama. *Annual Review of Sociology*, v. 42, p. 217-230, 2016. p. 223.

PEW RESEARCH CENTER. *The American Middle Class Is Losing Ground*. Report. December 9, 2015. Disponível em: <https://www.pewresearch.org/social-trends/2015/12/09/the-american-middle-class-is-losing-ground/>

PEW RESEARCH CENTER. *U.S. Public Becoming Less Religious*. Report. november 3, 2015. Disponível em: <https://www.pewresearch.org/religion/2015/11/03/u-s-public-becoming-less-religious/>

ROMANO, Ajan. Stay woke: The history and evolution of a phrase and cultural phenomenon. *Vox*, 17 set. 2020. Disponível em: <https://www.vox.com/culture/21437879/stay-woke-woke-ness-history-origin-evolution-controversy>.

a terra é redonda

SOROS, George. *O novo paradigma para os mercados financeiros*. Rio de Janeiro: Agir. 2008.

SULLIVAN, Andrew. America's New Religions. New York Magazine, 7 dez. 2018. Disponível em: <https://nymag.com/intelligencer/2018/12/andrew-sullivan-americas-new-religions.html>.

USCINSKI, Joseph. The Study of Conspiracy Theories. *Argumenta*. University of Sassari. 2017.

Vox. Stay woke: The history and evolution of a phrase and cultural phenomenon. Vox, 17 set. 2020. Disponível em: <https://www.vox.com/culture/21437879/stay-woke-wokeness-history-origin-evolution-controversy>.

**A Terra é Redonda existe graças aos nossos leitores e apoiadores.
Ajude-nos a manter esta ideia.**

CONTRIBUA